

Marília Mello de Vilhena

A tempestade da puberdade: uma breve articulação entre filosofia e psicanálise

A tentativa freudiana de decifração dos mistérios da sexualidade, do inconsciente, da irrupção do desejo humano através do enlace enigmático corpo e mente deveu-se ao desafio lançado pelas históricas no divã de Freud. É daí que emerge a possibilidade de um novo saber: a psicanálise. A histeria dos primórdios da medicina, doença do aparelho genital feminino, enfermidade contagiosa e epidêmica, possessão por demônio e feitiçaria, adquire outro estatuto no discurso psicanalítico.

Em seu artigo *Histeria*, já em 1888, baseando-se totalmente em modificações fisiológicas do sistema nervoso a neurose histérica, chegando até a buscar sua essência numa fórmula, Freud, contudo, mostramos mesmo a impotência de refinamentos técnicos de anatomia na revelação de tais alterações.

“Uma outra característica muito importante dos distúrbios histéricos é que estes de modo algum representam uma cópia das condições anatômicas do sistema nervoso. Pode-se dizer que a histeria é tão ignorante da ciência relativa à estrutura do sistema nervoso como nós o somos antes de tê-la apreendido. Os sintomas decorrentes de afecções orgânicas, como se sabe, refletem a anatomia do órgão central e são a fonte mais fidedigna de nosso conhecimento a respeito dele. Por esta razão, temos de descartar a idéia de que, na origem da histeria, esteja situada alguma possível doença orgânica”, participa-nos Freud.

Breuer e o método catártico, a teoria do trauma e da ab-reação; Charcot e a prova da verdade histérica pela hipnose (escola de Salpêtrière); Bernheim, Liébault e a sugestão hipnótica aplicada à histeria são alguns momentos percorridos e ultrapassados pela psicanálise de Freud. Além disso, as experiências clínicas vão proporcionando, logo após os estudos, o abandono cada vez maior da técnica da sugestão deliberada e a crescente confiança no fluxo das asso-

ciações livres, que, por sua vez, incidem na análise, na interpretação de sonhos e na auto-análise de Freud, com suas conseqüentes descobertas da sexualidade infantil e do complexo de Édipo. Para tal, muito contribuiu sua paciente Frau Emmy von N., histérica senhora que sofrera durante anos de *cephalalgia adolescentium*, desde a época em que suas regras sobrevieram, impossibilitando-lhe qualquer ocupação e interferindo em sua educação. No esclarecedor relato da sessão de 11 de maio de 1899, quando Freud pergunta-lhe novamente acerca da origem de sua gagueira, Frau Emmy de saída não lhe responde, e, em seguida à insistência da questão, diz-lhe com violência e raiva que sobre isso não sabe porque não deve saber. Ela, na verdade, deseja que Freud deixe-a falar sobre o que desconhece, a pulsão e o desejo. O não-saber de Emmy, este “deixe-me saber o que não sei” por ela demandado, saber, desejo inconsciente aparece-nos no relato de Freud da sessão seguinte:

“Aproveitei também a oportunidade para perguntar-lhe por que sofria de dores gástricas e de onde provinham (creio que todos os seus acessos de zoopsia – alucinação com animais – se fazem acompanhar de dores gástricas). Sua resposta, dada a contragosto, era a de que não sabia. Solicitei-lhe que se lembrasse até amanhã. Diz-me então, num tom de queixa claro, que eu não devia continuar a perguntar-lhe de onde provinha isto ou aquilo, mas que a deixasse contar-me o que tinha a dizer-me.”

Ora, malgrado Freud ter inicialmente buscado na ciência fundamentos para suas descobertas, os modelos biológico, fisiológico e químico tatearão

Psicanalista; mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); graduada e licenciada em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ); doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ; psicóloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) do Hospital Universitário Pedro Ernesto/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (HUPE/UERJ).

em novidade de zona estranha. Copiar estes saberes é ineficiente. Sabemos ainda que o que se intitula psicanálise sinalizará sempre as dimensões científica e filosófica. Em sua biografia do descobridor da psicanálise, Jones declara que a necessidade freudiana de fatos científicos objetivos evidenciou o imenso receio de domínio das abstrações especulativas. De acordo com o fiel discípulo, Freud, em sua juventude, viu-se fortemente atraído por especulações filosóficas, abortadas sem piedade por meio de severa adesão aos princípios da ciência. As dificuldades econômicas e a urgência do casamento conduziram-no à medicina, e não uma inclinação direta. Apesar de ter sido um grande clínico, Freud nunca se sentiu à vontade na profissão. Na notável carta a Fliess, de 1º de janeiro de 1895, Freud reconhece:

“Observo que, pela via tortuosa da clínica médica, você está alcançando seu ideal primeiro de compreender os seres humanos enquanto fisiologista, da mesma forma que alimento secretamente a esperança de chegar, por essa mesma trilha, à minha meta inicial da filosofia. Pois era isso que eu queria originalmente, quando ainda não me era nada clara a razão de eu estar no mundo.”

Distância e aproximação filosóficas, inspiração e recusa científicas, ambas, ciência e filosofia são ambíguos alicerces da psicanálise, contra esta nova e futura ciência.

Segundo Juranville, em *Lacan e a Filosofia*, o discurso analítico enquanto aquilo que sempre trouxe problemas à filosofia, é o próprio desta época final. Filosofia e psicanálise se afrontam e se entrelaçam: sem a filosofia, a psicanálise resvalaria para a impostura da ação; sem a psicanálise, a filosofia seria o que é sem o que a problematiza. Assim sendo, articulando brevemente estes dois discursos, na interface filosofia e psicanálise, nossa proposta de trabalho consiste em afastar o saber psicanalítico da representação clássica e da filosofia em sua tradição metafísica platônica. Considerando o que a psicanálise toma por puberdade, adolescência, pensamos facilitar e fortalecer nosso objetivo. Remetendo-nos ao excesso, à demasia e à multiplicidade, a adolescência na teoria e prática psicanalítica não aponta o determinismo psíquico, a previsibilidade do drama edípico e a negatização do desejo inconscien-

te recalcado, reduzido à representação clássica, ao pensamento comunicado intersubjetivamente. Ao contrário, a adolescência em psicanálise dirige-se ao além de Édipo, da intersubjetividade e da castração; à região vazia, não-metafísica, em que a representação fica em suspenso; e à esfera do que transpõe a própria possibilidade de representação. Desejando realizar o nosso intento, faremos, inicialmente, uma sucinta incursão no campo filosófico.

Em *Diferença e Repetição*, Deleuze comenta que Platão foi quem primeiro anunciou, preparou o que este último considera a imagem dogmática e moralizante do pensamento, ou seja, o mundo da representação. A perda, em Platão, da dimensão fundante do caos, das flutuações, dos choques, das turbulências e da maior casualidade no pensamento vivo, em permanente abertura a novas problematizações, marca, no advento da filosofia, o pensar como exercício natural, pensamento amigo, tranquilizador e filiado à verdade. Nietzsche e Heidegger são filósofos que reforçam, criticam com ênfase o que Deleuze indica-nos na metafísica platônica e no platonismo como imagem do pensamento, na qual pensar tornar-se-á então certeza antecipada e constante do representado que se imobiliza, capturado por reflexão, autoconhecimento daquele que sabe. Assim sendo, não importa à metafísica o ser enquanto impositividade do real intransponível nem a dimensão do indizível, do silêncio, da incompletude do conhecimento e do saber para representarem o real no contexto do mundo. A concepção metafísica da subjetividade/objetividade ignora que a realidade é algo além do que a função discursiva consegue no nível de conhecimento. Ora, problematizando-se, o pensamento encontra em si algo que não pode pensar, impensável, aquilo que, distinto de ideal de saber, deve ser pensado. Diferenciando-se do saber representativo que designa somente a generalidade do conceito, a posse serena de uma regra de soluções, aprender intermedeia não saber e saber, tarefa infundável na qual o problema insiste e persiste. Desse modo, o pensamento, coagido a pensar sua derrocada central, seu impoder natural, confunde-se com a maior potência de vôos, riscos e assombramentos. Há um acéfalo no pensamento, um amnésico na memória e um afásico na linguagem, irredu-

tíveis às malhas da representação. Ora, dos nervos à alma, evocam-nos Artaud e Deleuze, a compulsão de pensar atravessa todo tipo de bifurcações. O que importa é transformar o logos em hieróglifos, fazer nascer o que ainda não existe, engendrar e pensar no pensamento. Pensar é criar.

“O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor e de suas possibilidades apenas abstratas.”

Atendo-nos, por ora, ao discurso psicanalítico, e, aí, especificamente ao campo da adolescência, em sua interessante obra *Totem e Tabu*, podemos observar, Freud revela-nos o perigoso poder de contágio ou infecção que alguns povos atribuem a indivíduos especiais (sacerdotes, reis e recém-nascidos), a estados excepcionais (menstruação, puberdade e nascimento) e a coisas misteriosas (doença e morte). Associada a algo da ordem do especial, do excepcional e do mistério, a puberdade neste mesmo texto reveste-se de agitação violenta. A tempestade da puberdade intensifica radicalmente as pulsões sexuais, ratificando o desenvolvimento difásico da sexualidade humana como fator determinante da origem das neuroses. Em *A Questão da Análise Leiga*, referindo-se ao período de latência sexual, Freud nos diz:

“Neste período da vida, depois que a primeira eflorescência da sexualidade feneceu, surgem atitudes do ego como a vergonha, a repulsa e a moralidade, que estão destinadas a fazer frente à tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o caminho dos desejos sexuais que se vão despertando. Esse desencadeamento bifásico, como é denominado, da vida sexual, muito tem a ver com a gênese das doenças neuróticas. Parece ocorrer somente nos seres humanos, talvez seja um dos determinantes do privilégio humano de tornar-se neurótico.”

A singular elaboração psicanalítica do período da puberdade, da adolescência, afirma o estranho pulsional, a impossibilidade de estabelecimento da relação sexual, e fratura insistentemente a falha do sujeito enquanto descontinuidade do real. A adolescência mostra-nos que, em toda experiência analíti-

ca, o pulsional é algo de não-recalcável que impulsiona além dos recalques e que põe em questão o que é da ordem da satisfação. No nível da pulsão, toda satisfação deve ser retificada, é paradoxal, coloca em jogo o impossível que não é negativo ou o contrário do possível, o real enquanto o novo, o choque, o obstáculo ao princípio de prazer. Satisfazer a pulsão não se refere a uma totalização biológica de função, mas implica, sempre, o retorno do circuito, da montagem pulsional. Na relação da pulsão com o real, encontramos o que metaforicamente Lacan chama de sujeito furado, sujeito acéfalo e subjetivação sem sujeito.

“A montagem da pulsão é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo pé nem cabeça, no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista.”

Atendendo adolescentes no ambulatório do Núcleo de Estudos de Saúde do Adolescente (NESA) do Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (HUPE/ UERJ), o que inexoravelmente imprime-se em suas falas repousa na relação problemática do sujeito consigo mesmo, com o objeto e no impasse constitutivo do desejo como tal. Escutar esses adolescentes implica em definir irredutivelmente uma análise como um campo orientado para o que na experiência é o núcleo do real, esse algo da dimensão do traumático, do inassimilável e do encontro sempre faltoso jamais recoberto plenamente pelo discurso. Esbarrando com um limite, com algo de inacabado, fundo sem fundo, que se estende na medida em que dele se acerca, a psicanálise com adolescentes exige sempre o novo, lança a todo momento o discurso na superação de si mesmo, no ainda não-pensável acerca do pensamento. O real além das máscaras no sujeito adolescente é o maior cúmplice da pulsão, presença silenciosa que engendra na psicanálise a necessidade de um ponto de criação *ex nihilo* de onde nasce o que é histórico, significante na pulsão. Todo conhecimento é perspectivo, oblíquo e obrigatoriamente parcial, inserindo-se sempre numa certa relação polêmica e estratégica na qual o homem, e, singularmente, o sujeito adolescente em sua angústia, em seus impasses, transições e questionamentos, situa-se num campo de batalha onde demarca por uma plurali-

dade infinita de interpretações as diferentes emergências do real que escoo como fluxo incessante.

“O que desvela a análise senão a discordância profunda, radical, das condutas essenciais do homem, em relação a tudo o que ele vive? A dimensão descoberta pela análise é o contrário de alguma coisa que progride por adaptação, por aproximação, por aperfeiçoamento. É algo que vai por discontinuidades, por saltos.”

Se a verdade foi postulada como instância suprema pela razão filosófica ocidental que definiu um laço de direito entre pensamento e verdade, e se a separação nítida e irreversível do verdadeiro e do falso se sustenta num sujeito que supõe regradar por seu querer dizer a totalidade do discurso, romper com a filosofia metafísica ocidental platônica é descaracterizar o conhecimento pelo logocentris-

mo, pela semelhança e pela unidade. E assim o faz o tempestuoso adolescente em nossa clínica, na incessante construção de sua existência, ao demolir o consolo dos reconhecimentos, das constâncias e das afinidades prévias entre conhecimento e mundo. Por sua vez, resta-nos enquanto analistas apenas interpelar, tangenciar tal sujeito e dirigir a análise no sentido de nela preservar o indizível. A formação analítica só vem pelo testemunho de não saber que sustenta o advento do discurso do outro (lugar da verdade, lugar do inconsciente) ao qual não se pode responder. Por não ser da ordem do conhecimento, uma análise não acaba com o deciframento do sujeito, no caso, de nosso sujeito adolescente, mas com o enigma que interminavelmente força a pensar e conduz ao dizer, ao abrir e ao produzir.

➤ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Assoun PL. Freud, a filosofia e os filósofos (1976). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; 1978.
 2. Deleuze G. Proust e os signos (1964). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; 1987.
 3. Freud S. Obras completas. 1. ed., 23 volumes. Imago Editora; 1976.
 4. Garcia-Roza LA. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1984.
 5. Heidegger M. In: Os pensadores. São Paulo: Ed. Victor Civita/Abril Cultural; 1984.
 6. Juranville A. Lacan e a Filosofia (1984). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora; 1967.
 7. Lacan J. Écrits. Paris: Éditions du Seuil; 1966.
 8. Lacan J. Le Séminaire, Livre VII (1959-1960). Paris: Ed. du Seuil; 1986.
 9. Masson JM. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904 (1985). Rio de Janeiro: Imago Editora; 1986.
 10. Nietzsche F. In: Os pensadores. São Paulo: Ed. Victor Civita; 1983.
 11. Vilhena MM. O mal-estar nas vias do desejo, a ética da psicanálise: suas incidências clínicas. II Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. São Paulo: Cetec; 1989.
 12. Vilhena MM. Psicanálise e saber. In: O que pode um analista? III Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Salvador: Editora Vozes; 1991.
-